

Pensamento fanático: 1984/2020

Viviane Sprinz Mondrzak¹, Porto Alegre

O presente trabalho propõe o estudo de alguns aspectos relacionados aos preconceitos e ao pensamento fanático, partindo da descrição do duplipensar feita por George Orwell em seu livro 1984. Assim, o trabalho se detém no vértice que estuda esses fenômenos do ponto de vista de distúrbios nos processos de pensamento, destacando a dificuldade em estabelecer causas específicas. A importância dos fatores socioculturais é discutida, na medida em que não existimos isoladamente. Da mesma forma, a presença desses fenômenos nas instituições psicanalíticas também é abordada, concluindo com alguns tópicos para futuras discussões sobre o tema.

Palavras-chaves: Fanatismo; Preconceito; Pensamento; Poder; Instituições

¹ Psiquiatra, psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Relendo o clássico livro escrito por George Orwell (pseudônimo de Eric Arthur Blair), 1984, surpreendi-me com a atualidade do texto e com o inevitável paralelo possível de ser traçado com os nossos tempos. Escrita em 1949, a obra tinha como foco uma crítica ao stalinismo, mas evidentemente pode se aplicar a qualquer sistema autoritário. No entanto, foi a descrição feita por Orwell de uma forma específica de pensar, a qual chamou de *duplipensar*, o que prendeu a minha atenção nessa última leitura:

Duplipensar quer dizer a capacidade de guardar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias, e aceita-las ambas. O intelectual do sistema sabe em que direção suas lembranças devem ser alteradas; portanto sabe que está aplicando um truque na realidade: mas pelo exercício do duplipensar ele se convence também de que a realidade não está sendo violada. O processo tem de ser consciente, ou não seria realizado com precisão suficiente, mas também deve ser inconsciente, ou provocaria uma sensação de falsidade e, portanto, de culpa. O duplipensar é a pedra basilar do sistema, já que a ação essencial é usar a fraude consciente ao mesmo tempo que conserva a firmeza de propósito que acompanha a honestidade completa. Dizer mentiras deliberadas e nelas acreditar piamente, esquecer qualquer fato que se haja tornado inconveniente, e depois, quando de novo se tornar preciso, arrancá-lo do olvido o tempo suficiente à sua utilidade, negar a existência da realidade objetiva e ao mesmo tempo perceber a realidade que se nega – tudo isso é indispensável. Mesmo no emprego da palavra duplipensar é necessário duplipensar. Pois, usando-se a palavra admite-se que se está mexendo na realidade; é preciso um novo ato de duplipensar para apagar essa percepção e assim por diante, indefinidamente, a mentira sempre um passo além da realidade. (Orwell, 1971, p. 200)

Busquei, portanto, a partir do impacto desta leitura, e impulsionada ainda pelo aumento crescente de formas de fanatismos nos últimos anos, reunir parte dos estudos iniciados a partir da minha participação em um comitê designado pela IPA para estudar *preconceito*, ao qual foi se agregando, como um caminho natural, o interesse em tentar compreender o pensamento fanático.

Sempre que chegamos perto de preconceitos e fanatismos, e hoje em dia eles voltam a nos atropelar, alguns aspectos são impactantes: ao contrário do que se esperaria, não parece haver um aprendizado com a experiência. Depois do holocausto, dizia-se que tínhamos chegado ao fundo do poço e que aquilo

nunca mais se repetiria. Engano completo. Além disso, aquilo que Hanna Arendt falou sobre a ausência de uma patologia detectável nos perpetradores dos campos de concentração – e que foi rechaçado na época – comprovou ser uma verdade indiscutível, constituindo ainda um constante desafio para a nossa compreensão. Nos últimos anos, vemos um recrudescimento de preconceitos e de pensamentos fanáticos, que aparecem em velhos e novos formatos, demandando o estudo de várias áreas do conhecimento, eis que não há uma disciplina que possa abarcar a complexidade do fenômeno.

Na psicanálise, sabemos que não basta transpor o funcionamento individual ao social, coletivo, a não ser como modelo de aproximação. No entanto, compreender a intrincada rede de fatores que influenciam os caminhos tomados por cada psiquismo e a sua relação com a construção do social é tarefa infundável, ainda que essencial. Podemos considerar quase como um compromisso ético da psicanálise contribuir para a discussão desses temas a partir do seu vértice de observação. Rer, neste momento do século XXI, os chamados trabalhos *sociais* de Freud, principalmente em *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]/1974b), impacta por sua atualidade. A visão pessimista/realista da natureza básica humana, representada no conceito de *pulsão de morte* de uma destrutividade que revela a dificuldade em reconhecer a necessidade do outro e, portanto, ter que abrir mão de seus desejos e da ilusão de se bastar, continua sendo um dos pontos de partida vitais para o estudo dos dilemas humanos na formação dos vários grupos ao longo da vida.

Como ponto de partida nesse trabalho, tomo a constatação de que *preconceitos e fanatismos* fazem parte do processo constitutivo de todo ser humano, evitando ansiedades e participando da construção de uma identidade e pertencimento. Desde esta função organizadora, pode-se encontrar um amplo espectro de manifestações, chegando aos extremos de desumanização, com perda da capacidade de perceber o outro e as diferenças. Evitar sofrimento, dor psíquica, pode ser considerado como uma das metas fundamentais do psiquismo humano. Mesmo parecendo simplista, penso que sintetiza o objetivo central do qual derivam infinitas formas de lidar com o que temos que enfrentar desde nós mesmos, nosso corpo e o que vem de fora, do outro, do mundo, em uma sequência de desafios. Para isto, vão se construindo vários sistemas defensivos, inúmeras organizações mais ou menos bem-sucedidas. Costumamos ver a ansiedade como um sinal de que houve alguma falha nestas organizações, mas, com o avanço nos estudos de patologias mais severas e dos mecanismos mais primitivos, a ausência de ansiedade também pode ser percebida como uma “falha”, no sentido do embotamento afetivo e do prejuízo na capacidade simbólica.

Viviane Sprinz Mondrzak

A psicanálise tem contribuído para a compreensão destes fenômenos, principalmente quando se debruça sobre o estudo de mecanismos primitivos de funcionamento do psiquismo. A descrição de Freud (1914/1974a) do narcisismo das pequenas diferenças é um claro exemplo disso, ao qual foram se somando uma maior compreensão de outros mecanismos descritos por Melanie Klein (1957/1996), como dissociação, identificação projetiva, etc., essenciais para o entendimento dos preconceitos e do pensamento fanático. É claro que existem diferenças e especificidades entre os vários tipos de preconceitos e fanatismos. No entanto, o que trago neste trabalho não é uma revisão extensa sobre o tema, mas algumas contribuições de autores que abordaram de maneira direta o assunto, basicamente a partir do ponto de vista de alterações no pensamento, procurando traçar um panorama inicial, um ponto de partida para futuros desenvolvimentos. Alguns dos autores estudados não são psicanalistas, mas mantêm uma interface direta com o pensamento psicanalítico, servindo para ampliar os vértices de observação destes fenômenos que, obviamente, requerem visões múltiplas.

Começando com *preconceito*

Em latim, (*pre-judice*) corresponde ao julgamento feito antes de qualquer experiência, como o conceito kantiano de *a priori*, caracterizando um primeiro modo de organização que procura separar e discriminar, ao mesmo tempo em que define categorias. Os humanos não nascem em um vazio, mas são lançados em um mundo com uma rede de significados que os define desde o começo, um mundo rico de significados. Assim, não há conhecimento ou experiência livre de preconceito, de pré-julgamento. O preconceito captura a rede de significados e interpretações na qual o indivíduo nasceu.

Sabemos que, no início, tudo que é classificado como *não-mãe* é o diferente, desconhecido, e a criança começa organizando as experiências em grandes categorias opostas: bom/ruim, conhecido/desconhecido, seguro/perigoso, igualando tudo que está na primeira categoria (conhecido/seguro/bom) e tudo que está na segunda (desconhecido/perigoso/mau). A ansiedade frente a estranhos serve como modelo de uma das primeiras manifestações *preconceituosas*, deixando clara uma de suas principais funções ao longo de toda a vida: autoproteção, buscar sentir-se seguro, evitar ameaças. Portanto, não é possível conceber o funcionamento da mente sem preconceito, já que este consiste em um processo psíquico que classifica estímulos, além de registrar similaridades e diferenças, sendo necessário para se estabelecer relações. Com o tempo, o termo *preconceito* adquiriu apenas

a conotação negativa, levando Aktar (2007), entre outros, em uma publicação focada no estudo do preconceito, a distinguir o preconceito *benigno*, inevitável, equivalente ao se sentir mais seguro entre o conhecido, sem aversão ao outro, de um preconceito “maligno”, que se relaciona diretamente com o pensamento fanático, por sua característica de rigidez e impenetrabilidade a qualquer outro vértice de pensamento. O mesmo autor propõe a existência, em todos nós, de uma parte preconceituosa da mente, onipotente, arrogante, com aversão ao conhecimento e intolerância às diferenças, e uma parte não-preconceituosa, flexível, humilde, com curiosidade em relação ao outro. A proporção de cada uma na dinâmica psíquica (e sua evocação por gatilhos sociais) determinaria a forma do preconceito. Apesar de outra terminologia, há uma equivalência com os mecanismos que Bion considera característicos da parte psicótica da personalidade.

Entre outros fatores, é importante destacar a importância do reconhecimento de que não somos isentos de preconceitos, o que já pressupõe uma postura “humilde”, uma abertura para refletir sobre eles. A afirmativa “não tenho preconceitos” é, paradoxalmente, mais nociva e arrogante. Este reconhecimento também remete ao estudo de mecanismos primitivos capazes de interferir na constituição e desenvolvimento de processos simbólicos, ligados à forma como o psiquismo vai enfrentar os sentimentos de desamparo. Neste ponto, preconceito e pensamento fanático passam a se comunicar.

Pensamento fanático

A palavra fanático origina-se do latim *fanacticus*, derivado de *fanum*, santuário ou templo. Portanto, originalmente, o fanático era o encarregado de cuidar e proteger o lugar de devoção a um deus, sem significar a recusa a outros deuses. Com o tempo, foi assumindo o sentido que vemos hoje, um modo de pensar e existir que se caracteriza pela crença em uma verdade única e inquestionável, excluindo as diferenças. Os preconceitos se interligam com o pensamento fanático, em uma fronteira difícil de delimitar: ambos remetem a prejuízos nos processos mais primitivos de estabelecimento do pensamento, apresentando-se como um espectro que vão desde elementos constitutivos do pensamento infantil até níveis de malignização, com desumanização do outro e graus de intolerância cega. É importante destacar que, quando se fala aqui em pensamento, o que se tem em mente não é o processo secundário em si, mas todos os processos afetivos e relacionais ligados ao pensar. Esta é uma das grandes contribuições de Bion: o estudo do psiquismo como um *aparelho* para pensar pensamentos, para desenvolver

Viviane Sprinz Mondrzak

a capacidade simbólica. Não cabe aqui desenvolver toda linha de pensamento de Bion, conhecida de todos, mas, sim, trazer alguns pontos relacionados ao tema em discussão. Para Bion, a capacidade de tolerância à frustração, mediada pela função continente materna, que oferece a própria mente para a incipiente capacidade simbólica do bebê, é essencial. Se no desenvolvimento dos processos de pensar há falhas, por causas originadas do bebê, da mãe ou do ajuste entre ambos, a intolerância à frustração aumenta e a onisciência substitui o aprender com a experiência. A onisciência substitui a discriminação entre verdadeiro e falso por uma afirmação ditatorial de que algo é moralmente certo ou errado, já que a gradual possibilidade de tolerar a perda da onipotência fica prejudicada pela fragilidade do aparelho psíquico.

Na mesma direção de tentar situar o pensamento fanático dentro de uma linha de prejuízos no processo de organização do pensar, Sor e Senetde Gazzano (1992) propõem uma *parte autística da personalidade*, caracterizada por uma dissociação extrema, acompanhada de um isolamento das partes dissociadas, impedindo a identificação projetiva como alternativa. Derivada desta configuração, surgiria uma ideia fanática como uma tentativa de movimento e de defesa contra angústias muito primitivas. É uma tentativa enganosa, porque a ideia é fixa, sem possibilidade de movimento e transformação, denunciando a sua estrutura básica.

Segundo os autores,

O estado de dissociação conduz ao isolamento porque quando as ideias são separadas da irmandade de outras ideias e afastadas dos sentimentos e emoções, terminam por sofrer um processo de dessecação e mumificação progressiva, até ficarem reduzidas a cascas vazias. O que mantém vivas as ideias é o vínculo, a relação, o contato, absolutamente necessário para sua transformação, enriquecimento e evolução. (p. 108)

Na ideia fanática, não há possibilidade de diferentes vértices, nem mudanças, substituindo a ética pela moral, hipocrisia e cinismo. O vazio é trocado pela certeza na ideia fanática. São claramente diferentes das ideias criativas, as quais se articulam com outras ideias, toleram a diferença e, assim, possuem movimento e possibilidade de crescimento.

Os mesmos autores propõem, ao lado dos *elementos alfa e beta* de Bion, a ideia de um *elemento gama*, o qual corresponderia aos *elementos beta* que não podem ser evacuados através da identificação projetiva. Assim, os *elementos gama* seriam estes *elementos beta* retidos, deteriorados, imobilizados, não podendo ser

evacuados nem transformados, apenas isolados e portadores de uma ideia máxima irrefutável.

Bleger (1977) também contribui para refletirmos sobre o tema, mesmo que não de uma forma explícita. Partindo do estudo da simbiose, ele propõe, no seu modelo de desenvolvimento primitivo, o que chamou de *posição gliscro-cárica* (de *glischros*, viscoso, e *karion*, núcleo), um modo de organização que antecederia a posição esquizoparanóide, correspondendo a um funcionamento mental primordial, sem diferenciação *eu-mundo* e nem a discriminação entre objeto bom e objeto mau, ambas características da posição esquizoparanóide. Nesta posição,

a relação objetal arcaica, primária, é tão primitiva que não pode ser denominada nem amor nem ódio, nem narcisismo, nem nada; tudo está contido, em sua forma rudimentar, mas só se manifestam de modo mutuamente discriminado e se tornam discerníveis durante o desenvolvimento posterior. (p. 197)

Se não é possível o desenvolvimento a partir desta posição, haveria a suspensão da responsabilidade e do juízo, com manutenção das capacidades cognitivas e com teste de realidade presentes. Como forma de evitar angústia, existiria uma suspensão da vontade de compreensão com deterioração da capacidade de diferenciar o bem e o mal, verdadeiro e falso, liberando o sujeito da tensão de estabelecer um juízo.

O importante a assinalar é que esses autores localizam o fanatismo na área de transtornos do pensamento, não no sentido cognitivo formal, mas em falhas ocorridas no processo de vincular experiências emocionais entre si e tolerar a turbulência emocional que surge do encontro de diferentes vértices, substituindo-a por uma ideia que reúne em si todo potencial primitivo de onipotência e onisciência, a qual ilusoriamente protegeria contra intensas angústias de fragilidade e desamparo. A visão do processo de pensar, seguindo Bion (1962), coloca que as experiências emocionais são essenciais na constituição do pensamento como capacidade simbólica e não apenas na condição de um processo secundário intelectualizado. Matte-Blanco (1975) destaca que o afeto é a mãe de todo pensamento, a matriz a partir da qual todo processo se desenvolve. Um afeto é a primeira forma de se *conhecer* algo, sem mediação da razão, e é vital mesmo nos processos científicos mais complexos. Pensar é poder estabelecer relações e vínculos, é tolerar perder um objeto para então simbolizá-lo. Winnicott (1956), em seu modelo do desenvolvimento primitivo, destaca o papel da mãe ambiente – que atende, de início, as necessidades e não os desejos do bebê – na construção de um reservatório de ilusão de onipotência indispensável para que o processo de desilusão possa

ocorrer sem risco de vivências da desintegração. Sem tal base, a transicionalidade e a capacidade simbólica ficam prejudicadas porque não se estabelece a confiança no objeto e há, portanto, o risco apavorante de perdê-lo.

Portanto, em linhas gerais, esses autores (aos quais se poderiam juntar vários outros) situam a gênese do pensamento fanático em falhas nos processos primitivos de constituição dos processos de pensamento, com uma dissociação circunscrita a uma ideia que carrega a marca da impossibilidade de lidar com frustração, perda da onipotência e dependência do outro. Em um plano macroscópico, mantém-se a capacidade cognitiva, ao mesmo tempo em que o raciocínio parece lógico e sustentável. É a fixidez, a crença de se deter uma verdade absoluta e segura que revela o aspecto primitivo. E, principalmente, a eterna Hybris, a arrogância, que denuncia a fragilidade subjacente diante dos “deuses”. Neste sentido, o pensamento é, na verdade, um anti-pensamento ou, na terminologia de Bion, -K. Como sempre, esbarramos na impossibilidade de ir além na detecção dos processos que levariam a um ou outro desfecho, além de prejuízos primitivos na relação mãe-bebê, somados a fatores constitucionais indeterminados, sem nenhuma patologia específica que possa ser localizada, e gatilhos sociais. Em suma, a mesma base da equação etiológica de Freud. Em trabalho anterior (Mondrzak, Duarte, Lewkowicz, Kauffman, Iankilevich, Brodacz, Soares & Pellanda, 2007), feito com o Grupo de Estudos de Epistemologia Psicanalítica da SPPA, procuramos rever a equação etiológica a partir do paradigma da complexidade, propondo que fosse incluído um fator *acaso*, bem como a impossibilidade de se inverter a flecha do tempo na determinação dos acontecimentos. A equação etiológica de Freud contempla os elementos que seguem sendo considerados essenciais: o constitucional, as experiências infantis e as inúmeras experiências ao longo da vida do indivíduo. No entanto, a forma com que ela é apresentada não deixa clara as complexas relações entre estes fatores, como um deles interage e pode modificar o outro, podendo dar a impressão de que estaríamos diante de uma adição simples cujo resultado é possível de ser determinado com alguma precisão.

Exemplificando: sabemos que a hereditariedade não é uma expressão automática do conjunto dos genes, mas depende de como eles interagem entre si e com as circunstâncias locais (presença ou ausência de determinados elementos, etc.), através de um interjogo que só pode ser classificado como *complexo*. Vivências infantis dependem não apenas das circunstâncias pessoais (condições iniciais), como ainda da maior ou menor suscetibilidade do sistema psíquico aos estímulos vividos pelo sujeito, logo, algo também muito *complexo*. O mesmo pode ser dito sobre a situação atual ou desencadeante, evento significativo de igual complexidade, especialmente por força de seus componentes inconscientes.

De qualquer forma, como ocorre em outras expressões do funcionamento psíquico, também no que se refere ao pensamento fanático, temos que enfrentar a frustração de não possuímos respostas mais assertivas e menos genéricas.

Fanatismo e pertencimento

A capacidade de contágio do pensamento fanático coloca ainda mais em evidência como a divisão entre o social e o individual é apenas uma formalidade. A época e o lugar onde nascemos é um *acaso* determinante. Young-Bruehl (2007) destaca que a subjetividade é constituída através de vários contextos, incluindo o social/cultural, no qual os pais, como representantes diretos, estão inseridos na condição de transmissores transgeracionais de valores e preconceitos. Assim, comunidades fragmentadas e instáveis pela dinâmica de lutas de poder, opressoras, são mais suscetíveis a processos de não-mentalização, já que a individualidade é banida em favor de papéis sociais estereotipados. Além disso, causariam um aumento na insegurança e nos medos, o que seriam fatores predisponentes para mecanismos primitivos de busca de saídas mágicas e onipotentes. Cassorla (2019), em um dos mais recentes artigos publicados sobre pensamento fanático, destaca que faz parte da adolescência normal algum tipo de adição fanática a uma ideia, um ídolo, um autor, etc. Sabemos que a adolescência reativa defesas narcísicas justamente para lidar com uma época de mudanças turbulentas e inseguranças. Se este processo constitutivo mostrar-se com uma configuração rígida, estaríamos diante de uma organização narcísica patológica. Torcer por um time de futebol forma um grande grupo que compartilha apenas a mesma preferência, unido em uma grande irmandade em dias de jogo. No entanto, este mesmo clima saudável de união e competição pode se transformar em episódios violentos de agressão, em que os torcedores do grupo rival tornam-se verdadeiros inimigos. Muitos fatores favorecem os fanatismos: na adolescência, em situações de privação e abandono, pertencer a um grupo/seita onde o adolescente é capaz de sentir-se acolhido, com uma sensação de existir e de ser importante, aumenta a vulnerabilidade à adesão a fanatismos. Se ampliarmos um pouco tal visão, também fica claro o quanto o desamparo favorece o surgimento de pensamentos fanáticos em qualquer faixa etária. O psicólogo Ariel Merari da Universidade de Tel Aviv (citado por Prochet, 2018) pesquisou a motivação de homens-bomba e verificou que o principal não era um ideal religioso ou ódio especial do inimigo, mas um desejo de ser valorizado por seu próprio grupo. A ideia fanática substitui, de forma patológica, o lugar da família e da sociedade que falharam como continente e fonte de referência

Viviane Sprinz Mondrzak

identitária. A necessidade constitutiva de *pertencer* assume, portanto, um papel proeminente no estudo do fanatismo.

Cassorla (2019) destaca que, ao contrário do psicótico, o fanático cria uma realidade que é compartilhada por um grupo, reforçando a crença na posse da verdade, mesmo que para outros possa parecer bizarra. Difundir a ideia fanática e conseguir adeptos são essenciais para que se reforce a posse da verdade, o que é ainda mais assustador atualmente, em que a internet fornece um instrumento de alcance ilimitado e de difícil regulamentação.

Ainda a propósito de tentar compreender o aumento de pensamentos fanáticos, Atlan (1984), importante estudioso da complexidade, destaca a existência de várias formas de racionalidade: a razão científica, que estabelece um conjunto de regras para estudar determinado fenômeno; a anti-razão, que corresponderia às experiências intuitivas, experiência psíquica original, simétricas, da natureza da experiência estética, a qual ocorre sem a intermediação da razão, base do método psicanalítico e que, portanto não se opõe à razão científica; e, por fim, a não-razão, correspondendo ao pensamento fanático, como dogmas que pretendem ser racionais, mas na realidade representam um ataque à lógica. Para ele, o fracasso do projeto iluminista que idealizou a razão, colocando-a como uma saída de controle onipotente, seria uma das causas de desilusão com a ciência, bem como uma das fontes do aumento que vemos da não razão, dos preconceitos, do fanatismo. Em suas ideias, mesmo que partindo de um vértice diferente, há um papel fundamental atribuído ao desamparo e à insegurança na busca de modos ilusórios de recuperação da onipotência através de processos que afetam áreas específicas do pensar.

Preconceito/fanatismo e poder

A percepção do quanto situações de vulnerabilidade e de aumento da sensação de desamparo predispõem para o incremento de fenômenos preconceituosos e fanáticos faz com que sejamos todos manipuláveis em processos de luta de poder. Maturana e Varela (1984) ainda colocam mais em evidência nossa vulnerabilidade e como somos todos manipuláveis, principalmente na busca de soluções onipotentes para nossos medos, mesmo quando parecemos lógicos e racionais. Estudando como conhecemos e interpretamos o mundo, eles apontam que um observador não dispõe de bases operacionais para fazer qualquer afirmação sobre objetos, entidades ou relações como se estes existissem independentes do que ele faz. Vão ainda mais longe, afirmando que a concordância entre os observadores não confere nenhuma validação intrínseca quanto ao status da observação, apenas a ilusão de que se

compartilha da “Verdade”. É o critério que o observador aplica em seu escutar, que determina as explicações e validações feitas, que aceita ou rejeita uma afirmação, que determina se a afirmação é ou não uma explicação. É o modo de escutar do observador, guiado por critérios conscientes e inconscientes que determinam a verdade do que o outro apresenta. Ou seja, nunca ouvimos e observamos no vácuo, sempre aplicamos algum critério, entre eles o das nossas necessidades e desejos. Assim, estaríamos criando um domínio emocional, no qual queremos aquilo que aceitamos e aceitamos aquilo que queremos, sem outro fundamento a não ser nosso desejo. Dessa maneira, todo sistema racional tem fundamento emocional, e é por isto que nenhum argumento racional pode convencer ninguém que já não estivesse de início convencido. É difícil de assimilarmos que nossa observação nunca é objetiva e isenta e que, portanto, as nossas ideias são mais dependentes do desejo do que queremos acreditar ou que somos mais manipuláveis justamente quando nos sentimos mais frágeis e desamparados. Para evitar a angústia, até onde podemos ir?

Aqui, a descrição de duplificar volta com toda a sua potência, porque descreve como um processo, que em última instância é de desmentalização, pode ser usado como instrumento de poder. A capacidade reflexiva e de percepção da realidade fica abolida, verdade e mentira perdem o sentido, a memória pode ser alterada. Nosso desamparo nos predispõe a aceitar a ilusão de estar protegido pelo olhar do “Grande Irmão” apresentado por Orwell.

Um olhar para nossa prática e nossas instituições

Tudo o que foi dito acima é aplicável ao nosso trabalho como analistas e às nossas instituições, e precisamos estar atentos para o fato de que não somos imunes a inseguranças que nos predisporiam ao apego fanático a teorias ou a conceitos como se fossem a “verdade”. As instituições concedem um sentimento de pertencimento, de não estarmos sozinhos, excluídos. É justamente tal necessidade que aumenta a vulnerabilidade a fanatismos de várias ordens e que subjazem à formação de grupos de “iguais”, reunidos não apenas por afinidades teóricas. Assim, kleinianos, freudianos, bionianos, etc., ao permanecerem na qualidade de grupos fechados, conversando apenas entre si, reforçam a ilusão de possuir o verdadeiro conhecimento. Estes processos são inevitáveis em alguma medida, já que os grupos acabam despertando ansiedades muito primitivas, as quais podem ou não serem contidas pela instituição. O diagnóstico de *malignidade* é feito quando se formam estruturas ossificadas, fechadas ao debate, com estagnação científica e

Viviane Sprinz Mondrzak

luta pelo poder, caracterizando um funcionamento não-mentalizado. É importante ter em mente que instituições psicanalíticas não existem fora de um contexto social mais amplo e, assim, fatores extra-institucionais, tensões sócio-econômicas, (pandemias?), contribuem para a fragilização da estrutura grupal e vão demandar flexibilizações e continência extra, bem como atenção para que não se estabeleça o sistema mais primitivo de funcionamento, com cisões entre grupos convencidos de alguma verdade absoluta.

No grupo formado por analista e paciente também circulam ansiedades de intensidades variadas, e este é um grupo igualmente mergulhado em um contexto mais amplo, sujeito à pressões e à vulnerabilidades. Portanto, a possibilidade de expandirmos as categorias possíveis de compreensão dos fenômenos psíquicos é indispensável para que funcionamentos fanáticos não se instalem no processo. Em nossa clínica, dificilmente vamos encontrar um fanático “bem-sucedido”, já que esta organização não é questionada e protege contra inseguranças e fragilidades, dando a ilusão de que se é possuidor da “Verdade”. Podemos ter acesso a pacientes com estruturas narcísicas que apresentam, como uma das manifestações, pensamentos fanáticos, os quais se manifestam no campo analítico procurando negar a dependência e necessidade do outro. Cassorla (2019) apresenta o exemplo de uma situação assim para estudo. Mas, em alguma medida, todos os pacientes apresentam uma teoria mais ou menos fechada acerca de seus problemas, “fanáticos” na medida em que revelam aspectos infantis da organização do pensamento em categorias extremas. Procuramos sempre aumentar/desenvolver a capacidade reflexiva em torno da rigidez destas teorias, apresentando/construindo novos vértices de observação, com maior ou menor dificuldade, dependendo das possibilidades de cada psiquismo e de cada dupla. Contudo, ainda nos surpreendemos com situações nas quais pacientes (e não pacientes), com capacidade ampla de abstração e abertura em várias áreas, apresentam núcleos inabordáveis de pensamento fanático. A experiência das últimas eleições colocou isto de maneira muito evidente e independente de orientação política: momentos onde o funcionamento grupal regride a formas infantis de identificar mocinhos e bandidos.

De qualquer forma, o fanatismo no campo psicanalítico é um terreno fundamental de estudo, que requer um espaço específico de discussão.

Uma breve tentativa de sintetizar

O que se segue agora é uma tentativa de sintetizar as ideias trazidas no presente trabalho para que possam servir como ponto de partida na continuação

do estudo desses fenômenos que seguem nos desafiando:

- a) Em todos os modelos trazidos que procuram estudar preconceito e pensamento fanático, há a descrição de mecanismos primitivos buscando evitar sofrimento psíquico e angústia, levando a prejuízos nos processos de pensar;
- b) É sempre salientado que não existe uma patologia específica para o pensamento preconceituoso/fanático;
- c) Temos, portanto, que lidar com a frustração de não localizarmos causas específicas e conseguirmos apontar soluções;
- d) Cada bebê humano precisa enfrentar a trajetória da dependência infantil, do pensamento primitivo onipotente até a maturidade: aceitação do outro, diminuição da onipotência, construção de sistemas de pensamento simbólico. Os preconceitos e o fanatismo revelariam falhas narcísicas importantes, prejudicando mecanismos constitutivos que implicam expansão das categorias de organização das experiências;
- e) Funcionariam como uma estrutura dissociada de não-pensamento, anti-razão com lógica própria na busca de saídas onipotentes para desamparo, inseguranças;
- f) Seguimos tateando na busca dos fatores que determinam a *malignização* do que seria constitutivo e como intervir, sempre pensando em um todo inter-relacionado e interdependente, já que nascemos mergulhados na cultura que nos cerca, transmitida de formas conscientes e inconscientes pelos pais;
- g) Entender a universalidade dos fenômenos preconceituosos e fanáticos é um alerta para a necessidade de estarmos sempre atentos aos nossos julgamentos, em qualquer contexto (familiar, social, com pacientes, nas instituições);
- h) Ter presente a forma com que situações de vulnerabilidade e fragilidade incrementam a necessidade de saídas onipotentes, o que torna todos nós manipuláveis: fanatismos cumprem um papel na formação de uma identidade e no sentido de pertencimento, essenciais para todo indivíduo;
- i) Uma questão ética se impõe à psicanálise: seguir Freud na busca por pensar os fenômenos sociais, dentro dos limites nos quais os referenciais psicanalíticos podem contribuir;
- j) A psicanálise precisa dar a conhecer o seu corpo de conhecimento sobre o funcionamento do psiquismo humano, enfatizando a importância fundamental das primeiras relações para a constituição do psiquismo. Se não é possível determinar com precisão o que determina o quê, ao

Viviane Sprinz Mondrzak

menos podemos afirmar, com certeza, que o ponto de partida, o início da vida de todo ser humano, é de extrema relevância. A propósito, este ponto de partida é cada vez mais precoce;

- k) Procurar sempre denunciar quando a razão é substituída por uma não-razão, e seguir batalhando pela sobrevivência da reflexão e pela necessidade da eterna luta e resistência para olhar e ouvir o outro, aceitando as diferenças. □

Abstract

Fanatic thinking: 1984/2020

This work proposes to study some aspects related to prejudices and fanatical thinking, having as a starting point the description of *doublethinking* made by George Orwell in his book *1984*. The essay therefore focuses on the authors that study these phenomena from the point of view of abnormalities in the thought processes, highlighting the difficulty in establishing specific causes. The importance of socio-cultural factors is discussed, as we do not exist in isolation. Likewise, the presence of these phenomena in psychoanalytic institutions is also addressed, concluding with some topics for future discussions.

Keywords: Fanaticism; Prejudice; Thought; Power; Institutions

Resumen

Pensamiento fanático: 1984/2020

El presente trabajo propone el estudio de algunos aspectos relacionados con los prejuicios y el pensamiento fanático, a partir de la descripción del *doblepensar* hecha por George Orwell en su libro *1984*. Así, el trabajo se detiene en el vértice que estudia estos fenómenos desde el punto de vista de las perturbaciones en los procesos de pensamiento, destacando la dificultad para establecer causas específicas. Se discute la importancia de los factores socioculturales, ya que no existimos de forma aislada. Asimismo, se aborda también la presencia de estos fenómenos en las instituciones psicoanalíticas, concluyendo con algunos temas para futuras discusiones sobre la cuestión.

Palabras clave: Fanatismo; Prejuicio; Pensamiento; Poder; Instituciones

Referências

- Akhtar, S. (2007). From unmentalized xenophobia to messianic sadism: some reflections on the phenomenology of prejudice. In *The future of prejudice*. New York: Jason Aronson.
- Atlan, H. (1986). *Com razão ou sem ela: intercrítica da ciência e do mito*. Lisboa: Piaget.1994.
- Bion, W. (1962). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1966.
- Bleger, J. (1967). *Simbiose e ambiguidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.
- Cassorla, R.S. (2019). Fanaticism: reflections based on phenomena in the analytic field. *The International Journal of Psychoanalysis*, 100(6), 1338-1357.
- Freud, S. (1974a). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras psicanalíticas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 14, pp. 89-119). Rio de Janeiro Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1974b). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicanalíticas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 21, pp. 81-171). Rio de Janeiro Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929])
- Klein, M. (1996). Inveja e gratidão. (Trad. de A. Cardoso). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957)
- Matte Blanco, I. (1975). *The unconscious as infinite sets: an essay in bi-logic*. London: Duckworth.
- Maturana, H. & Varela, F. (1984). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- Mondrzak, V.S., Duarte, A.L., Lewkowicz, A.B., Kauffman, A.L., Iankilevich, E., Brodacz, G., Soares, G.P., Pellanda, L.E. (2007). Trauma, causality and time: some reflections: epistemology study group, Porto Alegre Psychoanalytical Society. *The Int. J. Psycho-Anal.*, 88(2), 463-474.
- Orwell, G. (1949). 1984. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- Prochet, N. (2018). Como criar um fanático. *Cadernos de Psicanálise-SPCRJ*, 34(1), 17-25.
- Sor, D., & Senet de Gazzano, M.R. (1993). *Fanatismo*. Buenos Aires: Ananké.
- Winnicott, D.W. (2000). A preocupação materna primária. In *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas*, (pp. 399-405). Rio de Janeiro. Imago. (Trabalho original publicado em 1956)
- Young-Bruehl, E. (2007). A brief history of prejudice studies. In *The future of prejudice*. New York: Jason Aronson.

Recebido em 25/01/2021

Aceito em 06/04/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Viviane Sprinz Mondrzak

Viviane Sprinz Mondrzak

Rua Carvalho Monteiro, 234/801

90470-100 – Porto Alegre, RS – Brasil

vimondrzak@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA